

EXPERIÊNCIAS COM TESTES DE PROFICIÊNCIA A DISTÂNCIA

Simone Correia Tostes¹

RESUMO

Este relato pretende apresentar a experiência do Centro de Estudos de Pessoal com testes de proficiência lingüística ministrados a distância. Após quatro anos de experiência com essa avaliação por teleconferência, podemos relatar inovações, vantagens e óbices da realização de exames por esse meio. Trata-se de um avanço da utilização da tecnologia na área de avaliação de proficiência lingüística que pode ser implementado por diversas instituições de ensino no Brasil e no mundo.

Palavras-chave: avaliação, distância, teleconferência, proficiência, oral.

ABSTRACT

This report intends to present the experience attained by the Center for Personnel Studies in the area of language proficiency tests at distance. After four years of experience evaluating oral proficiency by teleconference, we can report the innovation, advantages and drawbacks of exams through this means. It is a breakthrough in the application of information technology in the area of language proficiency evaluation which can be implemented by several educational institutions throughout Brazil and all around the world.

Keywords: evaluation, distance, teleconference, proficiency, oral.

Introdução

Em sua vida cotidiana, o indivíduo é testado constantemente. Desde testes médicos a testes para verificar a capacidade profissional ou para uma promoção, esses recursos são sempre critérios valiosos a serem utilizados para assessorar uma decisão sobre a vida ou a carreira das pessoas. Dentro desse esquema, é espantoso que tão pouco se saiba a respeito do processo de avaliação concebido de maneira geral (cf. Macnamara, 2000, p. 3). Normalmente, esse conhecimento é confiado a um grupo seleto de especialistas especificamente designados para a elaboração e a aplicação de testes.

¹ Doutora em Lingüística/UFRJ.

A complexidade do processo de avaliação de fluência num idioma estrangeiro advém da própria natureza da tarefa. Trata-se de estabelecer padrões de aceitação e fluência mínima de acordo com tarefas e expectativas pré-estabelecidas que se tem do falante em questão. Por esse motivo, várias tentativas foram feitas para se estabelecer a quantidade de níveis de fluência que dá conta da complexa hierarquia de habilidades intermediárias do aprendiz rumo ao domínio do idioma estrangeiro.

Mais uma vez, definir o que seja *domínio* do idioma estrangeiro configura-se uma atividade custosa e que não pode ser desvinculada do que se pretende ao se utilizar a linguagem. O conceito de *domínio* de uma língua estrangeira varia de acordo com a natureza das interações que se pretende. Num restaurante ou num balcão de atendimento de passageiros, a amplitude do domínio pode ser bem mais restrita e simplificada do que a estabelecida para funções diplomáticas, por exemplo. Para esta última, habilidades como analisar, negociar e convencer vão bem mais além do simples fornecimento de informações de escopo restrito que as funções de atendente de restaurante ou balcão de passageiros requerem.

No âmbito da vida militar, existem algumas tentativas de se estabelecerem padrões aceitos internacionalmente para descrever os diferentes estágios de fluência num idioma estrangeiro. Atualmente, a descrição STANAG tem sido a mais aceita, principalmente nos países-membros da OTAN, pressupondo uma uniformização de procedimentos de descrição das habilidades lingüísticas ideais que não cause estranheza entre esses países.

No Exército Brasileiro, adotamos uma padronização que leva em conta critérios de classificação do indivíduo como habilitado com fluência profissional no idioma estrangeiro. A unidade do Exército Brasileiro encarregada de prover essa categorização da fluência profissional dos militares é o Centro de Estudos de Pessoal (CEP, daqui em diante). Para tanto, são oferecidos exames de proficiência oral e escrita em vários idiomas (uma e duas vezes por ano, respectivamente).

Esses exames são os instrumentos que, por vezes, podem separar um militar bem-sucedido na carreira de missões e cursos no exterior que funcionam como elementos de valorização e crescimento profissional. Dominar um idioma estrangeiro tem, há muito tempo, sido a diretriz dos comandantes da Força Terrestre. Ênfase especial é dada aos idiomas inglês e espanhol, por ser o inglês a língua franca internacionalmente reconhecida e pela posição estratégica e papel do Brasil na América Latina.

Os exames de proficiência escrita, chamados de Testes de Credenciamento Lingüístico, têm como foco principal verificar as habilidades escritas dos aprendizes nos diversos idiomas. São compostos de etapas de leitura e compreensão escrita, gramática e elaboração de um texto dissertativo sobre qualquer assunto proposto. O teste também inclui uma parte de compreensão auditiva, durante a qual o candidato responde a perguntas com base em texto auditivo.

A experiência com testes de proficiência oral do CEP é pioneira e merece destaque pela tentativa de tornar possível a verificação de aspectos da conversação em língua estrangeira a distância

em tempo real. Criado em 1965, o CEP possui uma vasta experiência na área do ensino de idiomas a distância, dentre várias outras especialidades, como os cursos de pós-graduação, realizados em convênio com várias universidades do Rio de Janeiro.

Tratando especificamente da área de ensino de idiomas, o CEP possui, além das atribuições do ensino de idiomas a distância, a responsabilidade de habilitar e preparar militares brasileiros e estrangeiros em vários idiomas, a saber: inglês, francês, alemão, espanhol, italiano, russo e português. Esses militares recorrem ao CEP em duas oportunidades ao ano para realizar o Estágio Intensivo de Idiomas específicos das missões para as quais são designados. Durante as 8 semanas em que permanecem no CEP como estagiários, esses militares concentram seus esforços no aperfeiçoamento de suas habilidades no idioma estrangeiro, em aulas presenciais, de laboratório e de cultura da língua estrangeira, que visam a melhorar seu nível de fluência para bem desempenhar sua missão no país estrangeiro.

Além da preparação desses militares para missões as mais diversas, o CEP se encarrega da preparação de contingentes das Forças Militares de Paz, como o fez com o contingente que atuou no Timor Leste e, mais recentemente, com o Batalhão Haiti – força militar que atualmente representa a presença militar mais relevante do Brasil no exterior. Cabe salientar que para a designação para uma missão no exterior, é necessário, em princípio, que o militar esteja cadastrado num banco de dados do Departamento Geral de Pessoal do Exército Brasileiro com o conceito B, que corresponde ao resultado do Teste de Credenciamento Lingüístico. Aprovado nesse teste, o militar é considerado “credenciado para missão no exterior”.

Além do exame de credenciamento, o militar pode realizar o Exame de Proficiência Oral (EPO daqui em diante) – entrevista oral com uma banca de examinadores constituída por pelo menos dois professores do idioma estrangeiro. O resultado desse teste habilita o militar em outro aspecto da proficiência – o oral, significando que o aprovado nesse teste possui as habilidades profissionais básicas de utilização do idioma estrangeiro, sendo capaz de responder a perguntas sobre assuntos variados e negociar significados, bem como de expor sua opinião sobre diversos temas relacionados ou não à profissão militar. Os candidatos aprovados no EPO são então cadastrados no banco de dados com o conceito A.

Justificativa

Por ser uma unidade militar situada no Rio de Janeiro que atende aos militares brasileiros em todas as regiões do Brasil, realizar o Exame de Proficiência Oral exigiria que o candidato se deslocasse de sua organização militar a fim de realizar a prova presencialmente. Foi então, a partir de 2004, por

iniciativa da Seção de Informática do CEP, que o EPO começou a ser realizado em sistema de teleconferência. Por esse meio, o candidato necessita tão-somente se inscrever no exame e se encaminhar para o Comando Militar de Área, sede do exame na sua região. Esses Comandos, num total de 12 em todo o Brasil, em comunicação com o CEP, passaram a sediar os EPO a distância.

A experiência já se encontra no seu quarto ano e provou ter sido uma idéia inovadora na utilização das tecnologias de informação. Outras instituições de ensino já fazem uso da teleconferência para ministrar aulas e palestras a distância em diferentes níveis de cursos e tipos de eventos. O CEP passou a utilizar essa ferramenta para aperfeiçoar o sistema de avaliação do nível de proficiência no idioma estrangeiro no âmbito do Exército Brasileiro e, como tal, já possui experiência considerável nessa área.

A Banca Examinadora

O CEP possui em seus quadros efetivos professores civis e militares de várias disciplinas. Na área de idiomas, a instituição possui professores militares de várias línguas estrangeiras. Em função de um acordo internacional de intercâmbio Brasil-EUA, na disciplina Inglês, o CEP conta atualmente com seis professores e um instrutor militar americano. São esses professores, com a presença do instrutor militar nativo, que fazem a avaliação dos candidatos no EPO. Dessa forma, uma vez por ano, realiza-se o exame em âmbito nacional.

Natureza da avaliação

Para caracterizar a avaliação que é realizada no CEP, utilizaremos a distinção apresentada por Macnamara (2000), que distingue dois tipos básicos de testes: os do tipo papel-e-caneta e os testes de desempenho. O autor refere-se ao primeiro como um teste tradicional de perguntas e respostas, que se destina a avaliar componentes estanques da língua estrangeira, tais como aspectos de gramática e coesão textual. Por seguirem um padrão que verifica o domínio de pontos isolados da língua estrangeira, normalmente são os testes que se enquadram no formato “múltipla escolha” (p. 5). Por serem testes de fácil administração e controle, são, com freqüência, os mais adotados e não se prestam, portanto, a verificar aspectos produtivos da competência comunicativa, como a capacidade de persuasão ou negociação, por exemplo.

Os testes de desempenho são bem mais complexos e vão ao encontro da definição de *competência linguística* (cf. Chomsky, 1965, p. 4), que engloba não apenas a capacidade de dominar

aspectos isolados da gramática, mas também de empregá-los competentemente de acordo com a situação comunicativa que se apresenta. Foi então que o autor fez a distinção clássica da lingüística entre *competência* e *desempenho*, sendo o primeiro utilizado para designar a capacidade de aplicar regras internalizadas na gramática universal dos indivíduos, e a segunda configura-se como a habilidade de utilizar produtivamente esse conjunto finito de regras lingüísticas em um número infinito de possibilidades em situações comunicativas. Os testes de desempenho abrangem, portanto, a verificação de aspectos como entonação para marcar ênfase, a capacidade de realizar paráfrase, assim como a habilidade de fazer afirmações utilizando-se perguntas, apenas para citar alguns poucos exemplos. Macnamara (op. cit.) faz uma distinção crucial dos testes de desempenho comparados a outras modalidades de testes de língua – eles avaliam a capacidade de o indivíduo *comunicar-se* (p. 6). Por esse motivo, são mais adequados para verificar habilidades produtivas de escrever e falar. Nessa categoria de testagem, ressalta o autor, “um excerto de discurso mais ou menos longo é elicitado do examinado e julgado por um ou mais avaliadores treinados usando um procedimento de avaliação acordado” (Ibid.). Para se atingir esse objetivo, normalmente utilizam-se tarefas que o avaliado tenha que desempenhar utilizando a linguagem como ferramenta.

Outro tipo de categorização apresentada por Macnamara (op. cit.) refere-se ao propósito a que se destinam os testes, fazendo, portanto, a distinção entre *testes de nível* e *testes de proficiência*. O primeiro tipo está diretamente relacionado à atividade de instrução e normalmente é realizado em momentos pontuais do processo ensino-aprendizagem. Enquanto testes de nível relacionam atividades passadas e tentativas de mensurar um trabalho realizado num período de tempo definido, os testes de proficiência tentam realizar um prognóstico sobre o potencial de uso da língua estrangeira em diversas situações comunicativas. O critério definido passa a ser, nesse caso, o uso real da língua em situações futuras (p. 7).

Apesar da tentativa de situar a aplicação de testes de proficiência o mais próximo possível da realidade, ainda existem questões relativas a sua autenticidade e validade. Outra restrição é a influência do fenômeno *Observer's Paradox* (cf. Labov, 1972), isto é, o fato de ter seu comportamento observado modifica o próprio comportamento de qualquer indivíduo pesquisado.

O EPO se assemelha em alguns aspectos ao *Oral Proficiency Interview* (OPI), que verifica progressivamente as habilidades de comunicação no idioma estrangeiro tomando-se por base a caracterização dos níveis de proficiência nas quatro habilidades lingüísticas. Trata-se, entretanto, de um exame que pode ser realizado sem a presença do examinador, que é, necessariamente, um falante nativo da língua-alvo. Essa flexibilidade diminui o custo de aplicação de testes presenciais, pois o entrevistador pode, por exemplo, utilizar-se do recurso de gravação em áudio de perguntas que ensejem uma resposta ou uma argumentação sobre um ponto de vista. Nesse caso, não se verifica uma efetiva interação entre

o entrevistador e o entrevistado, uma vez que a “conversa” é elicitada através de recursos artificiais, além de não oferecer a naturalidade de uma conversa real.

Por se tratar de um modelo de exame com mais de um avaliador, o EPO se utiliza do padrão de *conceituação analítica*, segundo o qual todos os examinadores avaliam variados aspectos da comunicação que são, então, enquadrados em escalas de comunicação estabelecidas para cada um dos aspectos isoladamente (cf. Anexo A).

Durante o teste, o candidato escolhe aleatoriamente dentre quinze temas aquele que vai direcionar a discussão. Os 15 temas são divulgados através de documentos oficiais que regulam o funcionamento do EPO. Após sortear o tema, o candidato faz a leitura silenciosa e depois em voz alta do parágrafo sobre o assunto escolhido. Em seguida, os membros da banca examinadora iniciam uma conversa tendo por base as idéias contidas no texto lido pelo candidato.

Critérios de avaliação

Apesar de constituir uma parte do EPO, a fase de leitura em voz alta não representa um percentual significativo da avaliação da proficiência oral do candidato por não evidenciar a capacidade produtiva na língua estrangeira. Aspectos priorizados são a gramaticalidade, entonação, pronúncia, coerência e competência comunicativa (cf. Chomsky, 1980) – isto é, a capacidade de ajustar o discurso da diversas situações comunicativas. Após conceituação pela banca examinadora, os três membros se reúnem para discutir e realizar a ponderação e avaliação final dos candidatos. Nessa fase, também são consideradas a correção gramatical e a capacidade de utilizar a língua estrangeira sem muitas pausas e silêncios que denotem incapacidade lingüística no idioma, assim como a habilidade de negociar significados no idioma estrangeiro.

Para a verificação dos objetivos do candidato, utilizam-se os padrões dos descritores lingüísticos preconizados pela OTAN (STANAG 6001) para o nível 3, que é o nível caracterizado como “profissional mínimo”. De acordo com a padronização desses descritores, dentre outras habilidades, o candidato deve ser capaz de

- participar efetivamente de conversas formais e informais sobre assuntos práticos, sociais e profissionais;
- discutir interesses particulares e campos de especialização com relativo desembaraço;
- demonstrar competência lingüística na condução de reuniões;
- responder a objeções, esclarecer dúvidas, justificar decisões, sustentar opiniões, responder a desafios, defender um ponto de vista, formular hipóteses, lidar com assuntos inesperados e não familiares;

- discutir sobre temas abstratos e tópicos como economia, cultura, ciência, tecnologia, filosofia, assim como sobre seu campo profissional;
- responder prontamente de maneira clara e natural, apropriada à situação, sem buscar palavras, sendo compreendido perfeitamente por um falante nativo;
- corrigir o discurso, ainda que compreenda apenas parcialmente referências a provérbios ou alusões culturais, assim como nuances e expressões idiomáticas;
- comunicar-se com erros em baixa frequência ou em situações complexas típicas de discurso formal.

Principais desafios

Por se tratar de um exame a distância, o EPO ainda se ressentir da falta de acolhimento que uma situação conversacional enseja. Embora os examinadores tenham o cuidado de cultivar e transmitir uma atmosfera livre de pressões e inquietações, é comum ainda notar-se que alguns candidatos demonstram altos níveis de estresse durante a realização da atividade de conversação. Isso se reflete invariavelmente em seu desempenho comunicativo e na sua habilidade de produzir enunciados gramaticalmente adequados. No último exame, realizado neste ano, tivemos a oportunidade de entrevistar um candidato que tinha sido nosso aluno no estágio de idiomas, que apresentou um desempenho bem aquém daquele evidenciado por ocasião do estágio.

Sem dúvida, o ideal seria poder estar presente com cada um dos candidatos, pois isso possibilitaria a construção de uma atmosfera menos formal e estressante, permitindo, com isso, que o candidato realmente demonstrasse suas habilidades comunicativas no idioma o mais próximo possível do real.

Pode-se dizer que o sistema de avaliação oral a distância carece de uma validação. Perguntas do tipo “Em que bases se propõe o acesso a determinadas oportunidades e não outras?”; “Este é um critério suficiente e justo?” ainda permanecem sem resposta. Conforme aponta Macnamara (2000, p. 48), o foco dessa investigação deve ser sobre os **procedimentos adotados**. Se esses forem falhos, as conclusões tendem a ser infundadas. Da mesma forma, a validação de testes envolve refletir sobre a lógica, particularmente sobre seu formato e intenção, bem como inclui lidar com dados empíricos, colhidos em situações de administração do teste. Caso contrário, “sem procedimentos de validação dos testes, existe grande potencial para injustiças” (Ibid.).

Considerações finais

O EPO representa um esforço considerável com o intuito de reduzirem-se distâncias que são tão grandes num país de dimensões continentais como o Brasil. Consiste numa iniciativa sem precedentes de valorização do conhecimento e domínio de um idioma estrangeiro pelos profissionais militares do Exército Brasileiro, com repercussão internacional. Devido a sua relevância, estamos atualmente em fase de desenvolvimento de um estudo que possibilite a validação dos procedimentos e filosofia do exame como um todo.

A valorização do conhecimento de idiomas estrangeiros iniciou-se há mais de uma década, e o reflexo dessas medidas é visível ao constatarmos a melhor preparação e domínio dos idiomas por parte do jovem oficialato, indo ao encontro das diretrizes emanadas pelos escalões superiores que consideram o domínio de uma língua estrangeira uma ferramenta essencial para o exercício profissional militar.

Atualmente, pode-se dizer que a preocupação em conhecer e manter-se atualizado em pelo menos uma língua estrangeira tem sido constante em todas as esferas da atividade militar.

Referências Bibliográficas

CHOMSKY, N. Aspects of the Theory of Syntax. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1965.

_____. Rules and Representations. Oxford, Basil Blackwell, 1980.

LABOV, W. Language in the Inner City. Studies in the Black English Vernacular. New York, 1972.

MACNAMARA, T. Language Testing. New York, Oxford, 2000.

STANAG 6001 Language Descriptors. 2ª edição. OTAN.

Anexo A

BAREMA DO EXAME DE PROFICIÊNCIA ORAL

Pontos	Pronúncia/ entonação	Gramática	Coerência	Fluência	Vocabulário	Compreensão oral
0	Comete erros freqüentes, tornando-se ininteligível Emprego precário da tonicidade e da entonação	Praticamente cada frase apresenta um erro Usa frases muito curtas	Não apresenta habilidade funcional	Emprega a construção da língua portuguesa Faz longas pausas para pensar	Limitado e geralmente impreciso	Não apresenta, praticamente, entendimento da língua falada A compreensão limita-se a palavras isoladas e estruturas básicas
1	Comete erros freqüentes, mas é inteligível Emprego errado da tonicidade e da entonação com freqüência	Comete poucos erros Apresenta discurso coeso	Adapta a linguagem à situação dada Persuade, negocia idéias, dá opiniões, cria hipóteses	Pensa em inglês Faz pausas ocasionais para pensar	Comete, alguns erros ocasionais de emprego vocabular Apresenta vocabulário diversificado o suficiente e raramente solicita repetição ou paráfrase	Compreende enunciados emitidos de forma mais clara e devagar do que o ritmo normal Necessita de algumas repetições e paráfrases para compreender
2	Pronúncia óbvia de um estrangeiro, mas sem problemas para a compreensão Comete erros ocasionais de entonação e tonicidade					Compreende a idéia central dos enunciados, incluindo as discussões mais específicas em um determinado campo do conhecimento sem requerer repetições e paráfrases